

Pergunta:

Como distinguir a interdependência da dependência, e alcançar o verdadeiro discernimento sobre o que é ser independente?

Resposta:

O processo de crescimento é o avanço desde a dependência para a interdependência. Nós nascemos, em primeiro lugar, porque alguma mulher nos carregou durante cerca de nove meses em seu útero, e nos alimentou. Uma criança abandonada após o parto iria chorar até morrer. As crianças que são alimentadas mas não são acariciadas nem ganham colo, isto é, não recebem amor e calor humano, também morrem. Não existe algo como “homem independente”. Desde a nossa infância, ocorre uma contribuição de muitas pessoas para nós sejamos quem somos. Para as nossas necessidades básicas de alimentação, de roupas e de abrigo, nós dependemos de outros. Também somos emocionalmente dependentes dos outros, e da mesma forma os outros dependem de nós. Observamos esta dependência e interdependência nos reinos inferiores da natureza, e neste caso ela é descrita como *simbiose*, o que significa uma vida conjunta de organismos diferentes. *Mutualismo* é uma forma de simbiose em que a relação entre os indivíduos produz benefício para eles. No entanto, o *parasitismo* é a forma de simbiose em que um indivíduo é dependente e se beneficia às custas do outro. A interdependência pode facilmente degenerar em dependência se recebemos passivamente e sem retribuir. Passamos a usar o outro até o ponto de tirar dele sua energia física ou psíquica.

No momento em que reconhecemos que nós também necessitamos fazer nossa própria contribuição, o processo se torna uma interdependência. Caso contrário somos parasitas, ou, como o Bhagavad Gita assinala, somos apenas ladrões que recebem sem fazer uma retribuição. A lei da fraternidade universal se expressa no processo de cooperação entre os seres. Sabemos que uma cidade entra em completo caos quando os coletores de lixo, ou os químicos e farmacêuticos, ou os motoristas, entram em greve. Quando um país sofre de alguma calamidade, tal como terremoto, tsunami, fome ou recessão econômica, os seus efeitos são sentidos em outros países.

Em última instância, independência e interdependência devem ser elementos de um estudo sobre Carma Coletivo. “Ninguém pode cometer um erro sozinho, nem arcar sozinho com as consequências do erro.” Através das nossas ações boas ou más, nós aceleramos ou retardamos o progresso da raça humana, ainda que em uma proporção muito pequena. Por exemplo, vivendo neste século, temos à nossa disposição comodidades como um transporte melhor, computadores e equipamentos elétricos. Mas isso também significa ter que suportar crime, corrupção e poluição. Este é o aspecto coletivo do carma. Nele nós compartilhamos e suportamos consequências boas e más, pelo fato de fazermos parte do conjunto. Não estamos sozinhos nesta peregrinação. Temos que “chegar ao destino” na companhia de outros peregrinos e não através do isolamento. E no entanto, ninguém pode nos tirar do atoleiro e colocar-nos sob o sol. A mãe pode alimentar o bebê, mas a criança deve comer e fazer a digestão do alimento. Assim, também, nós somos ajudados por seres espirituais, mas cada indivíduo avança tomando decisões certas ou erradas. A interdependência é um fator importante do progresso espiritual, e é através da interdependência que a verdadeira independência é percebida.

A família, a nação, a raça humana, etc., nos deram algumas características, e, como indivíduo, cada vez que erradicamos uma má tendência da nossa natureza pessoal fazemos uma contribuição para a purificação das tendências da nossa família, da nossa nação e da raça humana; estamos mudando seu Carma como coletividade e afirmando a nossa independência. Mesmo vivendo na quarta ronda, Buddha e Shankara possuíram um conhecimento que a média da humanidade só irá adquirir na quinta e na sexta rondas.[1] O sr. William Judge escreve:

“Você pode percorrer a trajetória necessária em 700 encarnações, em sete anos, ou em sete minutos.” Um indivíduo pode avançar à frente da raça humana. [2]

No livro “Letters That Have Helped Me”, William Judge diz:

“Estou cansado das pessoas que bocejam uma e outra vez e são tão norte-americanamente ‘independentes’ - como se os seres humanos pudessem em algum momento ser independentes uns dos outros.” Este é o ponto central da questão. Existe um estado de liberdade positiva, no qual o indivíduo existe como um ser independente, mas unido a outros seres humanos, e em unidade com o mundo e a natureza. Um homem realmente livre desenvolveu a sua divindade até o ponto de ser capaz de viver com outros homens e mulheres sem interferir em suas vidas.

NOTAS:

[1] As Rondas são períodos extremamente longos de evolução das mônadas humanas. O tema é abordado na obra “A Doutrina Secreta”, de Helena Blavatsky. (Nota dos editores de www.filosofiaesoterica.com.)

[2] “Letters That Have Helped Me”, William Q. Judge, Theosophy Co., Los Angeles, p. 21.

Aprendendo Pelo Trabalho Altruísta

Como Fazer a Diferença em Nossa Área de Atuação Cotidiana

No caminho teosófico, como na vida em geral, é fazendo que se aprende. É ajudando que o estudante passa a receber mais ajuda, especialmente no plano sutil, e é esclarecendo a outros que ele acelera seu aprendizado interno. Mas os primeiros passos costumam ser os mais difíceis, e cabe perguntar: o que há mesmo de prático que o leitor de “O Teosofista” e do website www.filosofiaesoterica.com pode fazer para participar criativamente do movimento teosófico?

Quando a meta é nobre e existe paz-ciência, as portas da potencialidade se abrem de par em par. Há várias alternativas ao alcance do leitor e do estudante de teosofia. Vamos citar apenas quatro delas:

1) É possível estudar individualmente o material das seções temáticas “Loja Unida de Teosofistas” e “Movimento Teosófico” no website www.filosofiaesoterica.com, e assim preparar-se para ser um trabalhador voluntário do movimento esotérico;

- 2) É possível criar uma pequena lista de e-mails de amigos e conhecidos, e passar a mandar para eles o material distribuído semanalmente pelo website;
- 3) É possível imprimir no computador os textos de www.filosofiaesoterica.com que parecem mais úteis e oportunos, e passá-los aos amigos e pessoas próximas, dialogando a respeito dos temas que eles abordam;
- 4) É possível reunir amigos, familiares e colegas para estudar material do website e conversar sobre teosofia.

Outras tantas iniciativas práticas de pequeno porte podem ser pensadas. Tudo depende das circunstâncias e das potencialidades de cada um. O mais importante é a decisão do estudante de fazer uma diferença em sua área de atuação e convívio cotidiano. Começos grandiosos levam à frustração, mas os pequenos começos preparam grandes vitórias. Os interessados em dialogar a respeito devem escrever para lutbr@terra.com.br.

Um Engano no Livro “Ocultismo Prático” Volume Inclui Texto Que Não é de Helena P. Blavatsky

Todo peregrino sabe que a caminhada espiritual inclui inúmeras ilusões e armadilhas. Por isso deve-se ter atenção crescente a cada novo trecho do caminho.

Algumas armadilhas são internas. Outras são externas. Todas são sutis. Parte das armadilhas externas está na própria literatura que circula como sendo “teosófica”. Isso ocorre porque, tendo abandonado o caminho estreito da verdade, a Sociedade de Adyar desenvolveu uma notável falta de atenção em suas práticas editoriais, e cometeu erros sem conta nas obras que publicou desde a morte de Helena Blavatsky em 1891.[1] As consequências atingem o conjunto do movimento esotérico e o grande público.

Uma das seções em inglês do website www.filosofiaesoterica.com reúne uma coletânea de textos que documentam os principais erros editoriais que ainda hoje atrapalham a literatura teosófica, iludindo estudantes em todo o mundo. A distorção do texto de “A Doutrina Secreta” nos anos 1890 por parte de Annie Besant é um exemplo entre muitos. A versão de Annie Besant ainda é a edição de “A Doutrina Secreta” que predomina em mais de um idioma, embora a própria Sociedade de Adyar já a tenha abandonado em inglês desde 1979. O projeto de publicar em português a edição original desta obra máxima da literatura filosófica é um desafio presente na agenda do e-grupo [SerAtento](#) e da loja luso-brasileira da [Loja Unida de Teosofistas](#).

Outro exemplo prático desta política editorial pouco séria está no pequeno volume “**Ocultismo Prático**”, publicado em língua portuguesa pela Editora Pensamento, de São Paulo, e pela editora Teosófica, de Brasília. O volume inclui, como se fosse de Helena Blavatsky, o texto “Algumas Sugestões Práticas para a Vida Diária”. Seu autor, no entanto, não é a sra. Blavatsky. Além

disso, o texto contém ideias falsas e que levam os estudantes à confusão.

Os outros dois textos do volume publicado sob o título de “Ocultismo Prático” são, efetivamente, de H.P.Blavatsky. Eles são os artigos “Ocultismo Prático”, que dá título ao volume, e “Ocultismo *Versus Artes Ocultas*”. O longo texto “Algumas Sugestões Práticas para a Vida Diária”, no entanto, não só não foi escrito pela sra. Blavatsky como, em vários pontos, cai no terreno pantanoso da pseudo-teosofia neocristã.

Logo no primeiro parágrafo, o texto aconselha o leitor:

“Levanta cedo, logo que tenhas despertado, sem ficar deitado indolentemente na cama, meio sonolento e meio desperto. Então reza com fervor pedindo para que toda a Humanidade possa ser regenerada espiritualmente, que aqueles que estão lutando no caminho da verdade possam ser encorajados por tuas preces, que trabalhem com mais ardor e que obtenham sucesso, e que tu possas ser fortalecido e não ceder às seduções dos sentidos. Imagina mentalmente a figura de teu Mestre em estado de *Samadhi*. Fixa essa imagem diante de ti, preenche-a com todos os detalhes, pensa nele com reverência, e reza para que todos os erros de omissão e comissão possam ser perdoados. Isso facilitará grandemente a concentração, purificará o teu coração, e muito mais.”[2]

Ocorre que, em teosofia, não se recomenda rezar. H. P.Blavatsky abordou o tema no capítulo quinto da sua obra “A Chave da Teosofia”. Ao fazer preces, o devoto toma uma atitude passiva, optando pela irresponsabilidade cármica. Na verdade, cabe ao aprendiz desenvolver uma vontade ativa e criativa, e plantar o carma que ele deseja colher. É uma ingenuidade pedir ou fazer preces para que isso ou aquilo ocorra. No discipulado e na aspiração ao discipulado, é inadmissível pedir favores a algum Mestre, e muito menos esperar que o perdão de um Instrutor remova as consequências dos erros cometidos. O parágrafo citado do texto coloca o suposto Mestre na posição lamentável de um padre ouvindo a confissão de alguém.

O discípulo e o aspirante ao discipulado devem assumir a responsabilidade pelos seus próprios erros. Devem tratar de eliminar as suas consequências, no que for possível, e sobretudo as suas causas, para que os erros não se repitam no futuro. O aprendiz não deve tentar transferir a responsabilidade para algum Mestre, pedindo “perdão” e assim lavando as mãos em relação à responsabilidade pelo que fez. Ao invés disso, o aspirante deve agir corretamente para que sua própria consciência interna o aprove; ou para eliminar as razões de alguma desaprovação que sinta em sua consciência mais profunda. O papel do Mestre não é fazer favores pessoais ou distribuir absolvições. Cabe ao Mestre dar elementos para que o aprendiz trabalhe com autonomia e eficiência, produzindo sua auto-libertação através do auto-conhecimento, da auto-responsabilidade e do caminho do altruísmo.

O alerta sobre esta bem intencionada falsificação editorial de Adyar é oportuno para evitar que os estudantes sejam desorientados pelo texto “Algumas Sugestões Práticas para a Vida Diária”.

A responsabilidade dos editores em língua portuguesa limita-se ao fato de que traduziram o volume editado originalmente em inglês. No entanto, nada impede que sejam tomadas medidas práticas, por parte dos editores, para a correção deste erro em nosso idioma.

Um simples exame do texto mostra que ele é uma coletânea de parágrafos tirados de várias publicações. Os pesquisadores canadenses Ernest Pelletier e Ted G. Davy alertam para o fato de que estas transcrições não são nem mesmo fieis aos seus respectivos originais, o que compromete o seu valor como citações. O teosofista norte-americano Dallas Tenbroeck, associado da Loja Unida de Teosofistas, também fez pesquisas reveladoras a respeito. [3]

(Um Estudante de Teosofia)

NOTAS:

[1] A Loja Unida de Teosofistas, LUT, e a Sociedade Teosófica de Pasadena preservaram a literatura original. O setor mais lúcido de Adyar seguiu, em parte, o exemplo dado especialmente pela LUT. Em língua espanhola, a Fundación Blavatsky, do México, faz um bom trabalho. Mas, globalmente, é sobretudo a LUT que mantém a chama acesa.

[2] “Ocultismo Prático”, Helena Blavatsky, Ed. Teosófica, Brasília, edição de bolso, 208 pp., ver pp. 13-15. Veja também “Ocultismo Prático”, H. P. Blavatsky, Ed. Pensamento, SP, pp. 51-79. A primeira edição em língua inglesa desse volume é de 1948. A sua oitava impressão foi realizada em Adyar, Índia, em 1989, e tem 106 páginas em formato de bolso, sob o título “Practical Occultism”. Ali, o texto falsamente atribuído a H.P. Blavatsky aparece às pp. 63-106.

[3] O teosofista norte-americano Jerome Wheeler ajudou a levantar dados. As análises de Ernest Pelletier, Ted G. Davy, Jerome Wheeler e Dallas Tenbroeck foram repassadas individualmente ao autor da presente nota no segundo semestre de 2005.

A Arte de Preparar-se Para os Imprevistos

O Desapego é Fonte Eficaz da Verdadeira Vigilância

Nos tempos atuais, não faltam fatores imprevisíveis na vida.

Não sabemos quantos obstáculos ou ajudas surgirão inesperadamente à nossa frente. Mas podemos decidir se vamos manter-nos estáveis diante dos eventos passageiros e das marés cármicas da vida.

Seja qual for o número de coincidências desagradáveis ou agradáveis à nossa espera, podemos saber e lembrar que todas elas são sobretudo instrumentos de fortalecimento da nossa força interna.

As vitórias costumam amolecer a vontade, mas os obstáculos a fortalecem, quando temos a atitude correta diante deles. Cada vitória traz o teste do desapego. A única vitória durável é aquela que o estudante obtém sobre si mesmo.

Há uma simetria no aprendizado. Cada vez que se obtém algo, é preciso abrir mão de alguma outra coisa. E sempre que se perde algo, abre-se a porta cármica para um novo progresso ao longo do caminho, caso saibamos aproveitar a oportunidade.

À medida que se ergue o templo interno na consciência profunda do estudante, os templos externos - as fontes visíveis de amparo e inspiração - correm o risco de perder o brilho.

Mas a eventual perda dos templos externos é a expressão simétrica, e o sintoma desagradável, de algo supremamente positivo: o surgimento mais consciente do templo interior na consciência individual. O desapareço que emerge da perda possibilitará a verdadeira vigilância sem distorção.

A Arte de Estar Atento

Estar atento é estar preparado.

Quando o aprendiz vive um momento pacífico e agradável, ele não deve supor que os próximos momentos trarão necessariamente mais fatos agradáveis. E quando o aprendiz aumenta o grau de autodisciplina, ele deve saber que, ao contrário do que é indicado pelas aparências, a necessidade de autodisciplina aumentará ainda mais, de modo que possivelmente se seguirá uma escalada na luta entre esforço e obstáculos.

O aumento da autodisciplina produz uma necessidade ainda maior de autodisciplina porque amadurece porções de carma que ainda não estavam maduras, mas permaneciam “na fila” à espera do momento para entrar em ação. A autodisciplina exige mais autodisciplina porque semelhante atrai semelhante. Nada pode ficar estático no universo ou no mundo do aprendiz de teosofia.

O fato de estar alerta tem um efeito de bola de neve, e exige que o estudante passe a estar ainda mais vigilante do que previa. Ele deve perceber a cada momento a totalidade da vida. Deve estar disciplinado, pacífico, em contato com o Tao, que é o Todo e a Lei. Quando ele obtém uma vitória, não há tempo para comemorar: é preciso preparar-se de imediato para os testes que se seguirão a ela, e para as novas vitórias que deverão ser preparadas em seguida. Se ele tem uma visão clara do rumo a seguir, é preciso reunir Vontade, lembrando que a Vontade se fortalece através da Ação Correta.

A Busca do Discipulado Leigo

O Processo do Aprendizado Interno em Teosofia

O que é um “discípulo leigo”, em filosofia esotérica clássica?

O termo foi usado inicialmente no século 19, mas é perfeitamente válido na realidade do século 21. Todo estudante sério de teosofia pode transformar-se em alguma medida em um discípulo leigo. O estudante que sabe o que quer não só lê, mas tenta vivenciar a sabedoria divina contida na literatura teosófica autêntica. Nesta mesma medida, ele se torna um discípulo, isto é, um

aprendiz. Os livros da teosofia original contêm padrões vibratórios que o aproximam pouco a pouco do discipulado, uma palavra que significa, simplesmente, “aprendizado”.

É importante abordar com simplicidade o tema, porque qualquer sentido de auto-importância e vaidade leva o indivíduo a um desastre. A derrota através da vaidade não só chega sorrateiramente e sem aviso prévio, mas ela chega convencendo o infeliz derrotado de que ele é um “grande vitorioso”. O orgulho traz a derrota. A humildade, unida à coragem, prepara a vitória. É importante reconhecer, pois, que o discípulo é apenas um aprendiz.

Em budismo, como em teosofia, os conceitos de discípulo regular e discípulo leigo são vivenciais. O intelecto é importante, mas ele não é visto como elemento isolado. A mente é inseparável das outras dimensões do ser. Discípulo leigo é alguém que tem vida de família e não vive nos ashrams dos Mahatmas, nos Himalaias. Portanto, não passa por treinamentos mais técnicos em sua vida mística.

Para os teosofistas, o caminho que leva à sabedoria passa pelo estudo e pela vivência da literatura universal e das tradições filosóficas dos diferentes povos. Este estudo é feito à luz dos ensinamentos e das chaves de interpretação dadas através de Helena Blavatsky. O aprendizado interno é possível na medida em que o estudante opta por uma vida pessoal simples, despojada.

Não basta, pois, um estudo intelectual. É preciso adotar uma atitude vivencial e existencial diante do ensinamento. O indivíduo deve mudar passo a passo e integralmente. O processo é silencioso e gradual. O estudo da teosofia não dá a ninguém um diploma nem a sensação de ser alguém “importante”: ele dá sabedoria e auto-esquecimento. A visão universal da vida que o estudante adquire renascerá com ele como um “dom” em suas vidas futuras.

Em teosofia, não há separação entre alma e mente. O discipulado “leigo” é um saber da alma, mas exige uma expansão do intelecto. Expandindo a mente, expande-se a alma. O teosofista lê cada frase de um livro do ponto de vista da alma. A arte de ler é importante. Marco Túlio Cícero, o grande pensador romano clássico, não afirma que a origem da palavra “religião” seja “religare”, ou “religar”. Para ele, a origem da palavra “religião” é “relegere”, isto é, “reler”. O motivo, segundo Cícero, é que desde o início da civilização os sábios ficam “relendo” escrituras sagradas. [1]

Ao longo dos milênios, os estudantes de filosofia esotérica leem e refletem sobre as obras clássicas que o bom carma lhes permite obter, e fazem isso numa e noutra encarnação. Eles meditam incessantemente sobre a literatura sagrada. Este é sem dúvida um fator central para o aspirante ao discipulado leigo no século 21, e o mesmo ocorrerá nos próximos séculos. Há muitos milhares de anos os estudantes de filosofia clássica e filosofia esotérica leem, estudam e vivenciam a sabedoria eterna, no Ocidente e no Oriente. E eles possuem bastante material sobre o qual refletir e praticar contemplação nas próximas dezenas de milhares de anos. Este material foi generosamente reforçado no século 19 através de Helena Blavatsky. Contemplando a verdade eterna e abstrata, as almas dos estudantes vão se unificando passo a passo com a Lei Universal. Deste modo eles descobrem a paz incondicional a liberdade interior, que são definitivas.

NOTA:

[1] “The Nature of the Gods”, Marcus Tullius Cicero, Penguin Books, United Kingdom, 1972, 278 pp., ver pp. 152-153 e também p. 54.

A Força Magnética das Ideias

Robert Crosbie escreveu que “as ideias governam as ações”.^[1]

De fato, o que um indivíduo pensa possui uma importância extraordinária em sua vida, conforme mostra o capítulo primeiro do clássico budista “Dhammapada”.^[2] As ideias que habitam nossa mente nos influenciam de muitos modos, e podemos ler numa edição antiga da revista “Theosophy”:

“Todas as ideias elevadas estão carregadas de poder magnético cujo efeito é curativo.”^[3]

As ideias geralmente são coisas estáveis, porque se tornam hábitos. Elas mudam mais na aparência do que na realidade. As ideias que temos da vida, das coisas, das pessoas e de nós mesmos definem o rumo geral das nossas ações. Isso ocorre inclusive subconscientemente, porque a influência das ideias ocorre de modo amplamente despercebido.

Com frequência adotamos ideias sem examinar a sua origem e sem submetê-las a um exame crítico. Isso constitui uma forma de sonambulismo desperto. A vida em “vigília” pode ser uma espécie de sonambulismo a que chamamos de “rotina”. Aquele que acorda e passa a governar de fato suas próprias ideias consegue determinar o rumo geral das ações e da vida. Rodeando-se de ideias universais e elevadas e mantendo ao mesmo tempo um contato consciente com o chão, isto é, tendo uma base firme de desapego em relação às coisas materiais, o estudante pode trilhar com bom senso o Caminho do autoconhecimento.

A tarefa certamente não é fácil. Porém, segundo a filosofia oriental, não há outra coisa a fazer.

NOTAS:

[1] “A Book of Quotations from Robert Crosbie”, Theosophy Co., Mumbai, India, p. 43.

[2] A obra está publicada na íntegra no website www.filosofiaesoterica.com.

[3] Artigo “The Magnetism of Ideas”, publicado na revista “Theosophy”, da “Theosophy Co.”, Los Angeles, em julho de 1954, ver pp. 399 e 400.

Saber Confiar na Vida - e Em Si Mesmo

Viver é um ato de confiança. Confiar é saber que a vida prossegue infinitamente, e que ela avança de modo vitorioso, distribuindo dádivas e retribuindo a ações conforme o que é plantado no plano individual e no plano coletivo, nos vários níveis e aspectos da vida. A colheita de algo pode ser postergada, mas ela virá a seu tempo e com os devidos acréscimos.

O ato de confiar na vida, nos outros e em si mesmo não é algo que possa ser forçado. A confiança deve ser um processo realista e uma ação natural. Quando trilhamos um caminho correto, podemos **confiar** sem necessidade de garantias externas.

Quando sabemos onde pisamos e conhecemos em primeira mão e por nós mesmos o fato de que caminhamos em solo firme, temos consciência de que a tendência geral dos acontecimentos é

